

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

NANCY DA SILVA RODRIGUES

Rio de Janeiro

2012

CAPÍTULO X

**EM QUE PASSEPARTOUT SE DÁ POR FELIZ EM SAFAR-SE SÓ
PERDENDO OS SAPATOS**

(...)

Foi às quatro e meia da tarde que os passageiros do Mangolia tinham desembarcado em Bombaim, e o trem de Calcutá partiria às oito em ponto.

Mr. Fogg despediu-se, portanto, dos seus parceiros, deixou o pacote, deu a seu criado a relação de algumas compras a fazer, recomendou-lhe expressamente que se achasse antes das oito na estação, e, com o seu passo regular que marcava os segundos como o pêndulo de um relógio astronômico, dirigiu-se para a repartição dos passaportes.

(...)

Saindo da repartição dos passaportes Phileas Fogg dirigiu-se tranqüilamente para a estação, e aí fez-se servir o jantar. Entre outros manjares, o dono da casa entendeu que lhe deveria recomendar uma certa gibelotte de “coelho do país”, de que disse maravilhas.

Phileas Fogg aceitou a gibelotte e a degustou conscienciosamente; mas, a despeito de seu molho muito temperado, a achou detestável.

Chamou o maître do hotel.

– Senhor, disse olhando-o fixamente, é coelho, isso?

– Sim, mylord, respondeu descaradamente o velhaco, coelho das jungles.

– E este coelho não miou quando o mataram?

– Miar! Oh! mylord! um coelho! Juro-lhe...

– Senhor maître, replicou friamente Mr. Fogg, não jure e lembre-se disso: outrora, na Índia, os gatos eram considerados animais sagrados. Eram bons tempos.

– Para os gatos, mylord?

– E talvez também para os viajantes!

Após esta observação Mr. Fogg continuou tranqüilamente a jantar.

(...)

Com efeito, depois de ter entrevistado este carnaval parsi, Passepartout dirigia-se para a estação, quando, passando em frente do admirável pagode de Malebar Hill teve a fatal idéia de visitar seu interior.

Ele ignorava duas coisas: primeira, que a entrada de certos pagodes hindus é formalmente interdita aos cristãos e, segunda, que nem os próprios crentes podem entrar sem terem deixado seus calçados na entrada. É preciso destacar aqui que, por razões de boa política, o governo inglês, respeitando e fazendo respeitar até nos seus mais insignificantes detalhes a religião do país, pune severamente quem quer que viole suas práticas.

Passepartout entrou, sem más intenções, como um simples turista, admirava no interior os deslumbrantes ouropéis da ornamentação bramânica, quando subitamente foi derrubado nas sagradas lajes. Três sacerdotes, o olhar cheio de furor, precipitaram-se sobre ele, arrancaram-lhe os sapatos e as meias, e começaram a enchê-lo de porradas, proferindo gritos selvagens.

O francês, vigoroso e ágil, ergueu-se rapidamente. Com um murro e um pontapé derrubou dois adversários, aliás, muito atrapalhados com os seus trajés compridos, e, fugindo do pagode com toda a velocidade de suas pernas, bem depressa distanciou-se do terceiro hindu, que tinha saído em sua perseguição, açulando a multidão.

Às oito menos cinco, alguns minutos apenas antes da partida do trem, sem chapéu, pés nus, tendo perdido na briga o pacote contendo as compras, Passepartout chegou à estação da estrada de ferro.

Fix estava lá, sobre a plataforma de embarque. Tendo seguido o senhor Fogg até a estação, tinha compreendido que este tratante ia deixar Bombaim. No mesmo instante tomou

a decisão de acompanhá-lo até Calcutá e até mais longe se preciso fosse. Passepartout não viu Fix, que se mantinha na sombra, mas Fix escutou o relato de suas aventuras, que Passepartout narrou em poucas palavras ao seu patrão.

– Espero que isto não lhe aconteça mais, respondeu simplesmente Phileas Fogg, tomando lugar num dos vagões do trem.

O pobre moço, descalço e todo decomposto, seguiu seu patrão sem dizer palavra.

Fix ia subindo em um vagão separado, quando um pensamento o fez parar e modificou subitamente seu projeto de partida.

– Não, fico, disse-se ele. Um delito cometido em território indiano... tenho o meu homem.

Neste momento a locomotiva lançou um vigoroso apito, e o trem desapareceu na noite.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Releia o trecho em que Phileas Fogg chama o *maître* do hotel. Ele está desconfiado e diz para o *maître*: “– E este coelho não miou quando o mataram?”. Com esta observação, é possível perceber que Mr Fogg

- (a) Não gostava de carne de coelho com molho branco.
- (b) Ficou sabendo que na Índia, os coelhos eram animais sagrados.
- (c) Duvidava que a carne fosse mesmo de coelho.
- (d) Acreditava que a carne era de coelho.
- (e) Sabia que os gatos não miavam na Índia, somente os coelhos.

Habilidade Trabalhada

Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito do conteúdo.

Resposta Comentada

Essa questão trabalha o descritor que trata da utilização de pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito do conteúdo e faz uma correlação com o conhecimento de mundo do aluno. O discente iniciará a leitura da conversa entre Phileas Fogg e o *maître* já percebendo que Mr Fogg vai comer um prato feito com coelho e que, de acordo com o dono da casa, é uma maravilha – “certa *gibelotte* de “coelho do país”, de que disse maravilhas”. Até esse ponto, as inferências feitas são positivas, quando Phileas Fogg chama o *maitre* e pergunta se o coelho não tinha miado quando o mataram. É esperado que o discente conclua que a resposta mais adequada seria a letra C, visto que Phileas Fogg expressava por meio desse questionamento sua desconfiança se a carne era realmente de coelho ou de gato.

QUESTÃO 2

Ainda em relação ao diálogo entre Phileas Fogg e o *maître*, pode-se afirmar que Fogg foi sarcástico com o *maître*. Sendo assim, que alternativa apresenta a figura de linguagem utilizada no trecho “E este coelho não miou quando o mataram?”

- (a) eufemismo
- (b) ironia
- (c) metáfora
- (d) hipérbole
- (e) personificação

Habilidade trabalhada

Identificar as figuras de linguagem recorrentes no gênero estudado.

Resposta Comentada

Como as figuras de linguagens estão sendo trabalhadas ao longo do ano, acredita-se que os alunos estejam familiarizados com elas. No entanto, é sempre bom lembrar. Pode-se citar que o *eufemismo* trata de “suavizar” uma informação (exemplos: Ele *está com Jesus agora* = Ele *morreu*); a *ironia* traz certo sarcasmo: *Aquele filme era maravilhoso... Todo*

mundo cochilava = o filme era horrível na verdade; a *metáfora* que trata da comparação sem fazer uso do conectivo *como*: *Minha filhinha era uma flor*: (tão doce, meiga, suave como uma flor); a *hipérbole* configura o exagero em certas expressões: Mamãe falou *mil vezes* pra você não fazer isso (mil vezes é um exagero, é claro que a mãe não falou “mil vezes” a mesma coisa). Já a *personificação* é o uso de características de seres humanos em seres inanimados: Naquela noite, até a lua sorria para mim.

Como é sabido que os coelhos não miam e que somente gatos sabem miar, entende-se que o aluno será levado a marcar a opção B – ironia por conta do conhecimento de mundo que possuem e da forma sarcástica que Fogg construiu a pergunta.

QUESTÃO 3

No capítulo X de *A volta ao mundo em 80 dias*, romance de Julio Verne, Passepartout entra em um pagode hindu, onde nem os próprios crentes podem entrar sem terem deixado seus calçados na entrada. E quem comete tal delito, é punido severamente. Relendo o trecho, é possível visualizar que Passepartout apanhou muito, perdendo as compras que fizera, inclusive os sapatos que estava usando. E no final, encontra-se com Phileas Fogg na estação de ferro e conta-lhe resumidamente o que lhe acontecera. Nesse trecho, há uma frase do narrador: “ O pobre moço, descalço e todo decomposto, seguiu seu patrão sem dizer palavra.” O termo em destaque pode ser entendido pelo contexto em que o personagem está envolvido. Que palavra substitui “decomposto” nesse texto mantendo o mesmo sentido?

- (a) Arrumado
- (b) Aprumado
- (c) Empinado
- (d) Desarrumado
- (e) Elegante

Habilidade Trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada

Neste exercício espera-se que o aluno chegue à conclusão que a palavra “decomposto”, nesse contexto, expressa que o criado estava “desarrumado” (alternativa D), levando em conta que ele tenha lido o texto gerador da questão em evidência. Nesse capítulo lido, Passepartout entrou onde não poderia entrar, principalmente com calçados, foi punido por isso, levando uma surra que resultou na perda do seu chapéu e dos seus sapatos. Como o personagem acabou de sair de uma briga, é coerente que ele tenha saído machucado, com alguma peça de roupa estragada, ou alguns vergões na pele. Desse modo, o aluno será levado a marcar a opção D, pois perceberá que ninguém sai *arrumado* de uma briga.

TEXTO GERADOR II

CAPÍTULO XII

EM QUE PHILEAS FOGG E SEUS COMPANHEIROS SE AVENTURAM ATRAVÉS DAS FLORESTAS DA ÍNDIA, E O QUE SE SEGUE

(...)

Depois de duas horas de marcha, o guia parou o elefante e lhe deu uma hora de repouso. O animal devorou ramos e arbustos, depois de ter matado a sede num charco próximo. Sir Francis Cromarty não se queixou desta parada. Estava quebrado. Mr. Fogg parecia sentir-se tão bem disposto como se tivesse acabado de sair de seu leito.

– Mas ele é de ferro! disse o general de brigada contemplando-o com admiração.

– De ferro forjado! respondeu Passepartout, entretido no preparo de um almoço sumário.

(...)

Eram quatro horas então.

– Que é que há? perguntou Sir Francis Cromarty, que levantou a cabeça acima de seu cesto.

– Não sei, meu oficial, respondeu o Parsi, tentando ouvir melhor um murmúrio confuso que passava sob a espessa ramagem.

Alguns instantes depois, este murmúrio ficou mais audível. Dir-se-ia um concerto, ainda muito distante, de vozes humanas e instrumentos de cobre.

Passepartout era todo olhos, todo orelhas. Mr. Fogg aguardava pacientemente, sem pronunciar uma palavra.

O Parsi saltou para o chão, amarrou o elefante numa árvore e mergulhou em uma touceira espessa. Alguns momentos depois voltou, dizendo:

– Uma procissão de brâmanes que se dirige para este lado. Se for possível, evitemos ser vistos.

(...)

O barulho discordante de vozes e de instrumentos se aproximava. Cantos monótonos se misturavam ao som dos tambores e dos címbalos. Logo a frente da procissão apareceu sob as árvores, a uns cinqüenta passos da posição ocupada por Mr. Fogg e seus companheiros. Eles distinguiram facilmente através dos ramos o curioso pessoal desta cerimônia religiosa.

(...)

Atrás deles, alguns brâmanes, em toda suntuosidade de seu trajes orientais, arrastavam uma mulher que mal conseguia ficar em pé.

(...)

Atrás desta mulher – contraste violento para os olhos –, guardas armados com sabres desembainhados, colocados em suas cinturas e longas pistolas com encrustações, transportavam um cadáver sobre um palanquim.

Era o cadáver de um velho, revestido (...) o turbante bordado de pérolas, a veste tecida de seda e ouro, o cinto de cachemira com diamantes, e suas magníficas armas de príncipe indiano. (...)

Sir Francis Cromarty olhava toda esta pompa com um ar singularmente entristecido, e voltando-se para o guia:

– Um sati! disse.

O Parsi fez um sinal afirmativo e pôs um dedo sobre seus lábios. A longa procissão desfilou lentamente sob as árvores, e logo suas últimas filas desapareceram no seio da floresta.

Pouco a pouco, os cantos se extinguiram. Havia ainda alguns lampejos de gritos ao longe, e afinal a todo este tumulto sucedeu um profundo silêncio.

Mr. Fogg tinha ouvido a palavra, pronunciada por Sir Francis Cromarty, e assim que a procissão desapareceu:

– O que é um sati? perguntou.

– Um sati, senhor Fogg, respondeu o general de brigada, é um sacrifício humano, mas um sacrifício voluntário. Esta mulher que acabou de ver será queimada amanhã às primeiras horas do dia.

– Ah! malditos! exclamou Passepartout, que não pôde conter este grito de indignação.

– E o cadáver? perguntou Mr. Fogg.

– É o do príncipe, seu marido, respondeu o guia, um rajá independente do Bundelkund. (...)

– Coitada! murmurou Passepartout, queimada viva!

– Sim, continuou o general de brigada, queimada, e se não fosse, nem podem imaginar a que miserável condição se veria reduzida por seus próximos. Cortavam-lhe os cabelos, sustentavam-na apenas com arroz, repeliavam-na, seria considerada como uma criatura imunda e morreria em algum canto como um cão sarnento. (...)

Durante a narrativa do general de brigada, o guia sacudia a cabeça, e, quando o relato acabou:

– *O sacrifício que acontecerá amanhã ao nascer do dia não é voluntário, disse.*

– *Como sabe?*

– *É uma história que todo mundo conhece no Bundelkund, respondeu o guia.*

– *Mas esta infortunada não parecia fazer nenhuma resistência, observou Sir Francis Cromarty.*

– *É porque a inebriaram com fumaça de cânhamo e de ópio. (...)*

– *E o sacrifício acontecerá?...*

– *Amanhã, ao raiar do sol. (...)*

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Fazendo uma retrospectiva, podemos lembrar que no discurso direto o narrador dá voz aos personagens através dos diálogos e no discurso indireto, a fala dos personagens é apresentada através das palavras do próprio narrador. Desse modo, passando o comentário do general de brigada, Sir Francis Cromarty, sobre o desempenho físico de Mr. Fogg: “– Mas ele é de ferro! disse o general de brigada” para o discurso indireto, teríamos:

- (a) O general de brigada disse que Passepartout era de ferro.
- (b) O general de brigada negou que Mr. Fogg fosse de ferro.
- (c) O general de brigada disse que Mr. Fogg era de ferro.
- (d) O general de brigada bradou que Mr. Fogg era de ferro.

Habilidade Trabalhada

Identificar e diferenciar os discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta Comentada

A habilidade trabalhada nessa questão já foi estudada no bimestre anterior. Dessa forma, os alunos já conseguem reconhecer o discurso direto e diferencia-lo do discurso indireto. Nesse 4º e último bimestre, está sendo trabalhado o discurso indireto livre, que combina os dois tipos de discurso.

Como o exercício é simples, espera-se que o aluno consiga identificar com clareza e precisão a opção C como a correta, visto que é a única que traz a forma adequada da transposição da frase do discurso direto para o discurso indireto. Além disso, a assertiva A é totalmente inaceitável porque general não comentou que Passepartout era de ferro. Já a alternativa B também traz uma informação incorreta em relação ao texto (porque Cromarty não nega que Mr. Fogg seja de ferro; ele afirma) e a D cita um verbo que não aparece no contexto da conversa (Cromarty não gritou).